

Recebido em: 14-10-2022

Aceito em: 13-12-2023

BIBLIOTERAPIA DE DESENVOLVIMENTO COMO RECURSO HUMANIZADOR NA BIBLIOTECA ESCOLAR

Rodenir Zucatelli Dal Piaz¹
Gleice Pereira²

Resumo: Este relato de experiência apresenta como objetivo a Biblioterapia de Desenvolvimento como sendo transformadora no ambiente escolar como forma de contribuição para a humanização dos estudantes e do corpo docente da escola. A Biblioterapia de Desenvolvimento utiliza a leitura como veículo para criar, na escola, espaços de cuidado e acolhimento para promover a escuta atenta e amorosa. Ela oportuniza que o estudante e demais membros da comunidade escolar possam expressar seus sentimentos e suas emoções propiciando assim, a concretização dessa ação. Além disso, essa atividade terapêutica busca possibilitar que a equipe escolar cuide de si para assim, poder cuidar do outro, auxiliando no desenvolvimento psíquico e emocional, tão importante para a saúde física e mental do ser humano. A literatura se apresenta como recurso renovador de cuidado terapêutico e ajuda a resgatar o lado humanizador tão necessário nos tempos atuais. Sobre o tipo de pesquisa, este trabalho é qualitativo e usa da técnica descritiva para apresentar os resultados. Como resultado foi possível comprovar na prática todo o poder terapêutico que as histórias literárias têm para sensibilizar e fazer acontecer o apaziguamento das emoções.

Palavras-chave: Biblioterapia. Biblioterapia de desenvolvimento. Literatura. Humanização. Biblioteca Escolar

1 INTRODUÇÃO

Como nos sonhos noturnos, as histórias costumam usar a linguagem simbólica, evitando, portanto, o ego e a persona, para chegar direto ao espírito e à alma que procuram ouvir as instruções ancestrais e universais ali embutidas. Em decorrência desse processo, as histórias podem ensinar, corrigir erros, aliviar o coração e a escuridão, proporcionar abrigo psíquico, auxiliar a transformação e curar ferimentos (Estés, 1988, p. 37).

¹ Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Especialização em Biblioterapia e Mediação da Leitura Literária pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó. (UNOCHAPECO). Bibliotecário(a) da Biblioteca da escola Umef Prof. Rubens José Vervloet. E-mail: rodenirz@gmail.com.

² Doutorado em Ciência da Informação na Universidade Federal de Minas Gerais. (PPGCI). Mestrado em Tecnologia Educacional, na Universidad de Salamanca - Espanha (USAL). Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Especialização em Biblioteca Escolar na Universidade Federal do Espírito Santo. (UFES). Professora do Departamento de Biblioteconomia e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, na UFES. E-mail: Gleice.pereira@ufes.br.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo



Este relato intenta apresentar como a Biblioterapia de Desenvolvimento pode ser uma ação transformadora no ambiente escolar, esta prática pode ser uma aliada no trabalho de humanização dos estudantes, e do corpo docente de uma escola.

Valendo-se da leitura de textos literários, a Biblioterapia cria, na escola, espaços de acolhimento, escuta e construção de sentidos. Ação esta que promove a interação entre os alunos, os professores e demais membros da comunidade escolar, o intuito é possibilitar meios desses agentes sociais se tornarem pessoas melhores por meio da literatura em seu ato de leitura. Essa forma de interação, estabelece o equilíbrio das tensões e da emoção humana. Assim, os beneficiários da prática vão adquirindo melhora no estado de saúde, à medida que o alívio das tensões e da pressão das emoções, mesmo que de modo temporário, vão se espalhando (Caldin, 2010).

Dessa forma, a Biblioterapia é uma prática que pode trazer benefícios a todas as pessoas, independentemente da faixa etária, estando elas saudáveis ou enfermas. De acordo com Caldin (2010, p. 62), “[...] ela é válida tanto para o doente efetivamente diagnosticado como doente (internado ou não em um hospital), como para o ser que não percebe, de fato, como seu equilíbrio está comprometido, mas sente que lhe falta algo”. Assim sendo, a leitura na Biblioterapia, permite a integração, a socialização e uma forma de percepção da realidade por intermédio das histórias literárias, que ajuda o ser humano a trazer à tona sua memória afetiva com relação ao que foi lido e, com isso, cada participante pode ressignificar seus sentimentos.

A literatura entra no processo de interação como sendo o recurso renovador de cuidados terapêuticos. Além de ajuda a resgatar o lado humanizador da prática biblioterapêutica tão necessário nos tempos atuais. Porém, entende-se que a literatura não garante que o Outro será uma pessoa melhor, mas sim que o Outro possa ser melhor. Trata-se, aqui da possibilidade de melhoria na conduta social e na saúde física e mental do Outro. Contudo, essa possibilidade só será concretizada por meio das ações individuais.

O que se faz na Biblioterapia é criar um espaço dentro da escola para levar o cuidado e o acolhimento à comunidade escolar. Percebe-se esta atividade como a potente promotora da prática da escuta, atenta e amorosa, além de oportunizar, principalmente, aos estudantes expressarem os seus sentimentos e as suas emoções. Diante de toda essa complexa mediação da leitura literária é que se pode propiciar a concretização dessa ação. Reforça-se que a atividade terapêutica da

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

Biblioterapia busca possibilitar que toda a comunidade escolar cuide primeiro de si para depois poder cuidar do outro. Dessa maneira, a terapia segue auxiliando no desenvolvimento psíquico e emocional, tão importante para a saúde física e mental do ser humano.

O presente relato de experiência apresenta a experiência de práticas de Biblioterapia de Desenvolvimento na biblioteca escolar por meio da Mediação Afetuosa da Literatura. Assim, é um trabalho de cunho qualitativo e descritivo. A ideia surgiu da vontade de compartilhar uma jornada que teve seu início em 2021, ano em que foi criado o projeto Círculo de Biblioterapia “LeituracomAfeto” e desenvolvido em uma escola, com alunos do 5º ao 9º ano do ensino fundamental, no município de Vila-Velha no estado do Espírito Santo. Nas rodas de leituras e conversas foram utilizados livros infantojuvenis, poemas, contos, músicas e curta-metragens.

Os textos utilizados foram: “Ernesto” da autora Blandina Franco; “O menino Nito” da autora Sonia Rosa; “A função da arte 1” do autor Eduardo Galeano; “As águas do mundo” da autora Clarice Lispector; o poema “Contranarciso” do autor Paulo Leminski, e; trecho de a “Carta do Medo” do livro “Cartas de um Terapeuta para seus momentos de crise” do autor Alexandre Coimbra Amaral. Foi utilizado o recurso audiovisual da reprodução da animação intitulada “E foi assim que eu e a escuridão fizemos as pazes”, inspirada no livro homônimo do autor Emerica. Em tempo, o último texto lido foi “Vovó, como você lida com a dor?” da autora Elena Barnabé.

2 BIBLIOTERAPIA POR MEIO DA MEDIAÇÃO AFETUOSA DA LITERATURA

A Biblioterapia surgiu na antiguidade, na Grécia e no Egito, regiões onde os povos já consideravam a leitura como instrumento de auxílio às práticas terapêuticas, auxiliando no tratamento das pessoas com problemas mentais. As práticas descobertas naquela época surgiram de importantes observações acerca da leitura com função terapêutica apresentada pelas bibliotecas medievais (Pereira, 1996).

De acordo com Pereira (1996, p. 38), a Biblioterapia ganhou impulso “na primeira guerra mundial, quando bibliotecários leigos ajudaram a construir rapidamente bibliotecas nos hospitais do Exército”. Dessa forma, para o tratamento dos soldados feridos de guerra, a leitura era utilizada como coadjuvante no tratamento e na recuperação deles.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

Segundo Caldin (2010, p. 188), Biblioterapia “[...] é o cuidado com o desenvolvimento do ser humano por meio das histórias literárias, sejam elas lidas, narradas ou dramatizadas”. O encontro biblioterapêutico não se configura apenas como uma leitura (narração ou dramatização), mas também como partilhas advindas dessa leitura e das vivências e experiências do sujeito junto à interpretação das palavras do autor.

A Biblioterapia utiliza a literatura como coadjuvante ao tratamento ofertado, sendo um fator importante para o desenvolvimento do ser humano, servindo como atividade biblioterapêutica e apresentando como característica ajudar os indivíduos a lidar com seus problemas e com diferentes sentimentos e ações, proporcionando bem-estar físico e mental. Registros antigos encontrados no Egito e na Grécia relatam que esta prática era empregada no tratamento médico.

Caldin (2001, p. 14) ressalta também que:

A Biblioterapia admite a possibilidade de terapia por meio da leitura de textos literários. Contempla, não apenas a leitura de histórias, mas também os comentários adicionais a ela e propõe práticas de leitura que proporcionem a interpretação do texto. Assim, o sujeito, ao exercer sua liberdade de interpretar, cria sentidos ao lido. Também se pode dizer que as palavras não são neutras e, portanto, a linguagem metafórica tem a capacidade de conduzir o sujeito para além de si mesmo; é transcendental.

A linguagem metafórica dialoga com os leitores e estabelece uma transferência de significado que ultrapassa a vida do sujeito. É a linguagem literária que possibilita esse diálogo, intimando o indivíduo a se colocar como um ser ativo diante da história (Sousa, 2019).

Ao debruçar-se sobre os significados dos termos Biblio e Terapia, encontram-se Biblio, que “[...] no sentido mais amplo não diz respeito ao livro em si, mas ao conteúdo ficcional que ele representa, como se fosse a cápsula que envolve o medicamento, que são as histórias” (Sousa, 2021, p. 33); e Terapia, do grego *therapeia*, que possui o sentido de velar pelo próprio ser. A palavra terapia, tanto no grego como no hebraico, tem o sentido de atitude preventiva e prospectiva. O terapeuta era aquele que cuidava e os primeiros terapeutas foram os filósofos, pois cuidavam do corpo e do espírito e ocupavam-se do sopro que dá forma ao corpo (Ouaknin, 1996). Os estudiosos da Biblioterapia associam-na à saúde mental, ao ajustamento pessoal e social, à resolução de conflitos internos, à exteriorização dos problemas íntimos e consideram-na como coadjuvante terapêutico na medicina e na psiquiatria.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

Segundo Caldin (2001, p. 11)

A Biblioterapia constitui-se uma atividade interdisciplinar, podendo ser desenvolvida em parceria com a Biblioteconomia, a Literatura, a Educação, a Medicina, a Psicologia e a Enfermagem. Tal interdisciplinaridade confere-lhe um lugar de destaque no cenário dos estudos culturais. É um lugar estratégico que permite buscar aliados em vários campos e um exercício aberto a críticas, contribuições e parcerias.

Os principais tipos de Biblioterapia são: Biblioterapia Clínica e Biblioterapia de Desenvolvimento, sendo essa definida como, “[...] aquela que favorece aspectos variados dos seres humanos que vão do conhecimento de si mesmo ao desenvolvimento de competências e habilidades específicas tais como a cidadania, cognição, memória e afetividade (Witter, 2004, p. 181).

Esse conhecimento de si mesmo e o desenvolvimento de habilidades citado por Witter (2004) é explorado na prática da Biblioterapia, por meio do potencial terapêutico da literatura, mediante um encontro de pessoas ou de um grupo de pessoas com o texto literário, seguido da partilha de sentimentos e de emoções ocasionados por ele (Caldin, 2010).

Na Biblioterapia de Desenvolvimento, o trabalho é realizado em grupo e pode ser desenvolvido por profissionais de várias áreas como bibliotecários, pedagogos, psicólogos, jornalistas entre outros, com conhecimento específico, ajudando no desenvolvimento do ser humano e focando em temas e questões que lhes são próprias. Esse trabalho necessita, segundo Caldin (2010), de um cuidado especial na escolha do texto, que deve ser farto de elementos metafóricos para suscitar a catarse, a identificação e a introspecção.

De modo distinto, a Biblioterapia Clínica é realizada de forma individual por profissionais da área da saúde como psicólogos, psicoterapeutas e/ou médicos que tenham conhecimentos e habilidades para tratar a psique e o campo emocional do indivíduo a partir das reclamações trazidas por ele.

Segundo Sousa (2021, p.23), “[...] para entender o que é Biblioterapia, você tem que amar a literatura e as histórias. Você tem que ter experimentado, pelo menos uma vez na vida, as palavras agindo dentro de você.” Petit (2013, p. 62) também afirma que “para transmitir o amor pelas obras literárias, é preciso tê-lo experimentado”. Como exemplo, pode-se citar o conto Felicidade Clandestina (2020), de Clarice Lispector, que aborda esse amor e é um dos contos mais conhecidos da escritora. A narrativa retrata uma menina em busca de um livro desejado. Quando afinal o

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

encontro acontece, depois do êxtase provocado pelo acontecimento, a personagem adia a felicidade do encontro com as palavras e não quer que a expectativa acabe. Esse sentimento de amor pela história comprova que a Biblioterapia diz respeito ao amor, especialmente, ao amor pela literatura.

Não se pode falar de literatura sem mencionar Antonio Candido, um dos maiores críticos literários do país, que conceituou a literatura como,

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (Candido, 2011, p. 174).

Candido (2011) declarou que a Literatura é um direito tão importante que se iguala às necessidades mais básicas de um ser humano. Ele defende o direito de todos à literatura porque para ele não há povo que possa viver sem entrar em contato com alguma espécie de fabulação e que, a cada leitura, acontece um enriquecimento da alma do sujeito colaborando para sua formação.

Como exposto por Sousa (2019, p.119) “[...] falar de literatura é, sobretudo, falar sobre o que é humano”. A autora ainda reforça a afirmação dizendo que, “[...] sob a perspectiva da Biblioterapia, a mediação da leitura literária anda de mãos dadas com os afetos”. Por essa razão, entende-se a Biblioterapia como Mediação Afetuosa da Literatura e mediar com afeto, segundo Sousa (2021, p. 76),

[...] é abraçar, acolher, encontrar o outro por meio das palavras do texto, do olhar, da fala e da escuta amorosa. A Mediação Afetuosa da Literatura se faz abrindo portas e, tirando a poeira dos cantos e convidando o participante para uma conversa entre amigos, onde não há certo nem errado, regada a chá de acolhimento e verdade com boas doses de humanidade. É encontro que marca, toque e afeta. É encontro para ficar guardada na memória do coração. É preciso acreditar que uma mediação literária sensível não é só possível, mas se faz urgente.

Gallian (2017, p. 82) intensifica essa necessidade quando afirma que [...] neste contexto de embotamento afetivo e moral em que estamos vivendo, a literatura se ofereceria como meio – alguns dirão até mesmo único – de nos reencontrarmos com as fontes humanas da nossa existência e nos humanizarmos.

São essas fontes humanas ligadas ao afeto e à sensibilidade que diferenciam o ser humano das máquinas. Essas competências são inerentes aos indivíduos e podem ser despertadas pela literatura e por mediações de leitura que respeitem as relações humanas e os afetos. A prática da

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

Biblioterapia, no contexto de grupo, por meio da Mediação Afetuosa da Literatura, é uma forma de resgatar no participante, com utilização da escuta atenta e amorosa, seus sentimentos mais profundos, formando um novo texto, que surge desse encontro com a literatura.

3 LITERATURA, DESENVOLVIMENTO HUMANO E SAÚDE

A Biblioterapia de Desenvolvimento pode ser benéfica na formação humana e se apresenta como oportunidade de ser usada como recurso humanizador. Ela pode ser um contributo para ajudar a diminuir os aspectos tecnicistas da formação profissional de bibliotecários, professores, pedagogos entre outros grupos que podem ser beneficiados por esta prática. O intuito é seguir resgatando os sentimentos e os afetos nos seres humanos, tão negligenciados nos dias de hoje.

Para Candido (2011), “[...] a literatura humaniza em sentido profundo, porque faz viver”. Segundo o autor, a literatura desenvolve nos indivíduos uma quota de humanidade na medida que os torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante. Candido (2011, p. 180) define a humanização da seguinte forma,

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

Tudo o que ele fala sobre a humanização são benefícios da literatura, da leitura e das histórias, sendo resultado do que as histórias literárias proporcionam às pessoas. Essa provocação não só cuida, mas sobretudo, humaniza o ser humano e o torna mais forte para enfrentar seus problemas e desenvolver a empatia, dando mais atenção aos sentimentos do outro. Assim os ajuda a lidar com seus problemas e com os diferentes sentimentos e ações, proporcionando o bem-estar físico e mental.

A humanização possibilita a intersecção entre o respeito, a ética e a dignidade, e pode, ainda, ser compreendida como uma construção de conhecimentos que contagia, passando de pessoa para pessoa conforme a necessidade de cada uma. Sendo assim, no mundo moderno, corrido e globalizado, informar e humanizar devem andar sempre de mãos dadas.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

Souza (2021, p. 77) defende que “[...] mediar a leitura literária é promover o encontro do mediador e do leitor com sua humanidade, o que envolve a mobilização dos afetos”. O mediador de Biblioterapia não é um crítico literário, mas um ser humano que se deixa tocar por aquilo que lê. Ele precisa se deixar levar pela poesia, pela literatura e por seus mundos submersos para poder conduzir o leitor ao universo fabuloso das histórias literárias. Quem lê literatura está muito mais preparado e possui mais recursos para seguir a caminhada da vida e para ir se construindo e transformando-se porque o ser humano não é um ser acabado, mas um indivíduo em constante transformação. Além disso, um dos papéis da literatura e da prática da Biblioterapia é contribuir para essa transformação.

Seixas (2020, p. 246) lembra que “[...] na Biblioterapia, o compromisso é fomentar diálogos, reflexões e releituras a partir de questões suscitadas pelo grupo”, contribuindo para que essa transformação possa realmente acontecer. A literatura como saúde é equilíbrio, é bem-estar, é estar satisfeito com a vida e viver de forma harmônica e equilibrada, tanto em seu aspecto físico, quanto emocional e espiritual. Ler, compartilhar e falar sobre livros é de uma grandeza que muitas pessoas nem imaginam.

Sousa (2021, p. 64) afirma que:

[...] não importa o formato como uma história chega até você, o importante é de que maneira essas palavras reverberam no seu ser. Esse encontro pode ocasionar algumas reações conscientes e inconscientes que vão tornar inesquecíveis aquela história em que você ouviu ou aquele romance que você leu.

Para compreender as palavras de Sousa (2021) é importante abordar os componentes biblioterapêuticos listados por Caldin (2010), como a catarse, a identificação e a introspecção, que podem provocar reações conscientes e inconscientes. A presença dessas reações é que vai caracterizar o potencial terapêutico do texto literário lido.

O termo catarse surgiu com base na Poética de Aristóteles e, segundo o filósofo, a catarse era provocada pela tragédia que deixa as pessoas “em suspense por causa do temor e da piedade e depois apazígia as tensões conduzindo a um estado de relaxamento” (Ouaknin, 1996, p.17). A catarse é uma reação inconsciente do indivíduo, é considerada uma espécie de purgação e limpeza, seguida por um sentimento de alívio, e está relacionada ao bem-estar e ao equilíbrio.

Caldin (2010, p. 124) explica que, ao ser tirado “[...] um peso insuportável de ser carregado, a catarse alivia o mal que interrompe o fluxo da saúde e abre caminho para plenitude do

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

ser”. Ela é associada ao choro ou ao riso, que são duas formas de externalização por intermédio da literatura. O choro de emoção é o que a literatura e a Biblioterapia ajudam a promover.

Outro componente biblioterapêutico é a identificação do que, segundo Caldin (2010, p. 126) é “[...] um processo inconsciente de posse de apropriação do outro, ou seja, dos atributos das personagens fictícias”. A autora complementa ao afirmar que “[...] na apropriação da identidade da personagem ficcional tira-se força para o enfrentamento de problemas e a busca de soluções, o que é terapêutico”. A identificação faz com que o indivíduo se aproprie da história. Quando ele se identifica com o personagem de uma história, vivencia o momento junto com ele, alcançando muito aprendizado. É possível vivenciar em segurança alguma situação que, muitas vezes, é colocada a partir daquela linguagem ficcional, mas que é muito própria dos seres humanos. Dessa forma, aprende-se muito com a vivência da história daquele determinado personagem.

O componente biblioterapêutico introspecção é conceituado por Caldin (2010, p. 129) da seguinte forma: “[...] a introspecção se caracteriza como um processo consciente em que o indivíduo examine seus pensamentos e atitudes com intuito de mudança de comportamento ou então de uma aceitação de si e do outro”. Petit (2013, p. 47) ainda esclarece que “[...] à leitura às vezes faz surgir palavras no leitor, fecunda-o. Nesse diálogo, ele ou ela pode começar a dizer eu, a formular umas poucas palavras e seu próprio texto, entre as linhas lidas”.

A introspecção é um processo que ocorre de forma muito individualizada e particular. Ela acontece de acordo com a experiência de cada um. A partir do significado que se atribui à história é que acontece esse processo de introspecção, de reflexão. Desde o segundo em que o indivíduo reflete sobre algo, iniciam-se pequenas transformações e ele começa a se tornar capaz de procurar melhorar suas práticas e condutas. As histórias têm esse poder de ajudar as pessoas a serem melhores, a fazerem-nas pensar e sentir com o coração. A Biblioterapia vale-se do potencial catártico da literatura, ativado pela emoção e pela imaginação do receptor do texto literário na experiência da leitura.

Como visto, a Biblioterapia tem implícita a intenção de ouvir o outro e de falar com ele, ou seja, incentiva o diálogo, o que é de fato a sua essência.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

4 A LEITURA E O PODER TERAPÊUTICO NA BIBLIOTECA ESCOLAR

A biblioteca, além de possuir o principal papel de informar por meio dos seus acervos especializados, é o local adequado para auxiliar o desenvolvimento da competência leitora e informacional do aluno. Ela por si só não alcança tais competências se não houver práticas pedagógicas colaborativas e parcerias com os professores e pedagogos para incentivar a formação de leitores e de mediadores de leitura.

Ler é encontrar na leitura a possibilidade para a mudança. As histórias, o acesso a diferentes realidades, situações e personagens oferecidos favorecem o encontro do leitor e do momento vivenciado, possibilitando uma identificação ou a construção de uma nova etapa.

Aprender a ler, como afirma Martins (1988, p. 34), significa também aprender a ler o mundo, a dar sentido a ele e a si próprio, o que, mal ou bem, as pessoas fazem mesmo sem ser ensinadas. Essencialmente, a importância da leitura não se dá necessariamente em relação à realização educacional, mas também quando se refere a quaisquer das relações cotidianas, sejam elas pessoais, sejam profissionais. Sendo assim, o papel do educador deve ser o de criar condições para que o educando realize a sua própria aprendizagem, conforme seus interesses, suas fantasias, suas necessidades e de acordo as exigências que a vida apresentar. Assim, criar condições de leitura não promove apenas acesso aos livros, mas, antes de tudo, ajuda a facilitar o diálogo com o leitor sobre a sua leitura e o mais importante: sobre o sentido que ele dá a algo escrito, a sons, imagens, pinturas, coisas, ideias ou situações reais ou imaginárias (Martins,1988).

O ato de ler desperta nos indivíduos sentidos, emoções e razão. Para compreender melhor o ato de ler, Martins (1988, p. 37) enumera três níveis básicos de leitura:

[...] sensorial, emocional e racional. Cada um desses três níveis corresponde a um modo de aproximação do objeto lido. Como a leitura é dinâmica e circunstanciada, esses três níveis são inter-relacionados, senão simultâneos, mesmo sendo um ou outro privilegiado, segundo a experiência, expectativas, necessidades e interesses do leitor e das condições do contexto geral em que se insere.

A leitura sensorial começa muito cedo e acompanha a criança por toda vida. É por intermédio da visão, do tato, da audição, do olfato e do paladar que a criança vai desenvolvendo o ato de ler. O jogo das imagens e cores, dos sons, dos cheiros e sabores estimula o prazer e a busca

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

do que agrada e não agrada aos sentidos. É por meio dessa leitura que o indivíduo, desde a tenra idade, vai descobrindo do que gosta ou não, mesmo inconscientemente, sem a necessidade de racionalizações e justificativas, apenas porque impressiona os olhos, os ouvidos, o tato, o olfato ou o paladar. Essa leitura, mediante os sentidos, evidencia um prazer singular relacionado à sua disponibilidade e à sua curiosidade (Martins, 1988). O livro com ilustrações, de formatos diferentes e com sons atrai a criança pela facilidade de manuseio e causa encantamento, oportunizando a descoberta do livro como um objeto especial e diferente de outros brinquedos. Além disso, o livro é uma fonte de prazer que motiva para a concretização de ler o texto escrito a partir do processo de alfabetização. Sobre isso, Martins (1988, p. 48) diz que, “[...] quando uma leitura, seja do que for, nos faz ficar alegres ou deprimidos, desperta a curiosidade, estimula a fantasia, provoca descobertas, lembranças, aí então deixamos de ler apenas com os sentidos para entrar em outro nível de leitura, o emocional.

A leitura emocional lida com os sentimentos porque, no terreno das emoções, os acontecimentos costumam escapar do controle do leitor, que se vê aprisionado em armadilhas de seu inconsciente. Normalmente, essa leitura é mais comum para quem diz que gosta de ler, o que em geral é a que dá maior prazer. Esse nível de leitura costuma fazer aflorar a empatia, propiciando que o leitor se coloque no lugar do outro, o que é benéfico. O mais significativo é que, nessa leitura, não importa perguntar de que trata o texto ou sobre o que o autor quis dizer, mas sim o que a narrativa provoca no indivíduo, que reações causa.

A leitura racional possui um caráter eminentemente reflexivo e dinâmico, o leitor visa mais ao texto e tem como alvo a indagação, objetivando compreendê-lo e dialogar com ele. É a partir dessa leitura que se reconhecem os indícios textuais que são verdadeiras pistas para que o leitor identifique o assunto lido em seu todo, mesmo que, às vezes, passe despercebido ou, que o autor não o tenha deixado visível, sendo muito estimulante para a leitura.

Como é próprio da relação humana inter-relacionar sensação, emoção e razão, não se pode pensar na existência isolada de cada um desses níveis, pois as histórias, a experiência e as circunstâncias da vida de cada leitor, no ato de ler, bem como as respostas e questões apresentadas, podem revelar um certo nível de leitura. É importante lembrar que todos os dias as pessoas entram em contato com um conjunto de objetos, quadros e pinturas, seja em museus e feiras, seja

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

exposições que remetem a sensações, emoções e pensamentos. A partir desse contato, cada indivíduo reagirá de forma diferente, visto que irá lê-los a seu modo e isso é enriquecedor porque, como afirma Martins (1988), “o homem lê como em geral vive, num processo permanente de interação entre sensações, emoções e pensamentos”.

A Biblioterapia trabalha, principalmente, com a leitura emocional, com essa interação de sensações, emoções e pensamentos, por meio do texto literário e de seu poder terapêutico, de uma forma mais acolhedora e afetuosa, ajudando na resolução de conflitos e na descoberta de si mesmo, promovendo o respeito ao outro e auxiliando o desenvolvimento psíquico e emocional do indivíduo. É desse modo que a Biblioterapia de Desenvolvimento consegue corroborar com as competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), auxiliando o avanço das habilidades que os estudantes devem desenvolver e facilitando o desenvolvimento humano. Nesse sentido, destacam-se as competências 7, 8 e 9 da BNCC (2017, p. 11-12)

7 - Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e Global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

8 – Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

9 – Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

O documento da BNCC relata que, ao longo da educação básica (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio), os estudantes devem desenvolver as dez competências gerais da educação básica, as quais pretendem assegurar, como resultado do seu processo de aprendizagem e de desenvolvimento, uma formação humana integral que vise à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (Brasil, 2018). Utilizando a Biblioterapia de Desenvolvimento, essas competências são trabalhadas através da literatura.

Para reforçar a importância do desenvolvimento dessas competências, observam-se as palavras de Queirós (2014, p. 14):

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

[...] é indispensável a presença da literatura em todos os espaços por onde circula a infância. Todas as atividades que têm literatura como objeto central serão promovidas para fazer do país uma sociedade leitora. O apoio de todos que assim compreendem a função literária, a proposição, é indispensável. Se é um projeto literário é também uma ação política por sonhar um País mais digno.

Possibilitar acesso ao texto literário por meio das histórias, da fabulação e da reflexão é tentar garantir o desenvolvimento de competências nos seres humanos com consciência crítica, que lhes possibilite sair de sua condição de passividade e se tornarem sujeitos de sua própria história.

A Biblioterapia de Desenvolvimento se apresenta como a ferramenta que possibilita a crianças e jovens o contato com o texto, garantindo condições para que ocorra a transformação, proporcionando aos estudantes, aos professores e a toda a equipe escolar cuidar de si para poder cuidar do outro.

Para que isso aconteça, Caldin (2010) explica que “é da fala falante, produtora de significados, que se ocupa a Biblioterapia”. A literatura ajuda a produzir essa fala falante que é única e que acontece a partir da atribuição de significados dados à história pelo leitor. Estabelecendo uma relação com a sua própria vida, o indivíduo consegue construir seu texto e dar nome a seus sentimentos.

Segundo as palavras de Ouaknin (1996, p.18), “[...] além do prazer do texto, a leitura oferece ao leitor, por identificação e cooperação textual, por apropriação e projeção, a possibilidade de descobrir uma segurança material e econômica, uma segurança emocional, uma alternativa à realidade”. Caldin (2001 p. 36) ainda intensifica essa declaração dizendo que,

[...] a leitura implica uma interpretação – que é em si mesma uma terapia, posto que evoca a ideia de liberdade – pois permite a atribuição de vários sentidos ao texto. O leitor rejeita o que lhe desgosta e valoriza o que lhe apraz, dando vida e movimento às palavras, numa contestação ao caminho já traçado e numa busca de novos caminhos. A Biblioterapia contempla não apenas a leitura, mas também o comentário que lhe é adicional. Assim, as palavras se seguem umas às outras – texto escrito e oralidade, o dito e o desdito, a afirmação e a negação, o fazer e o desfazer, o ler e o falar – em uma imbricação que conduz à reflexão, ao encontro das múltiplas verdades, em que o curar se configura como o abrir-se a uma outra dimensão.

Por intermédio da leitura e do compartilhamento do comentário surgido a partir da leitura literária, o ser humano pode fazer surgir muitas memórias, sensações e emoções que podem ajudar a ressignificar os seus sentimentos, e isso é terapêutico.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

5 RELATO DE EXPERIÊNCIA DA BIBLIOTERAPIA DE DESENVOLVIMENTO NA ESCOLA

A jornada desse relato de experiência com a Biblioterapia foi iniciada em 2020, após concluir o curso “Desvendando a Biblioterapia” com Carla Sousa. A partir desse curso foi criado o projeto Círculo de Biblioterapia “Leitura com Afeto”, que vem desenvolvendo desde maio de 2021. É com esse projeto que se desenvolveu a Biblioterapia na escola, com uso da Mediação Afetuosa da Literatura junto aos alunos do 5º ao 9º ano do ensino fundamental. Essa vivência propiciou a criação de um espaço para o diálogo estimulado pela literatura e ladeado da escuta amorosa de troca e muito afeto.

Nas rodas de leitura, foram utilizados livros infantojuvenis que contemplam variadas idades, textos e mídias, tais como: poemas, contos, músicas e curta-metragens. Abaixo segue a referência dos textos utilizados, no período do desenvolvimento do projeto. No entanto, trouxemos para o relato de experiência apenas os três primeiros livros do quadro 1.

Quadro 1 – Livros utilizados no desenvolvimento do projeto

1	AMARAL, Alexandre Coimbra. Carta do medo . p. 00-00. In: AMARAL, Alexandre Coimbra. Cartas de um terapeuta para seus momentos de crise. São Paulo: Paidós, 2020.
2	BARNABÉ, Helena. Vovó, como você lida com a dor? p. 21-22. In: BARNABÉ, Helena. Título do livro. Cidade: Editora, ano.
3	FRANCO, Blandina. Ernesto . Ilustração de José Carlos Lollo. Rio de Janeiro: Companhia das Letrinhas, 2016.
4	GALEANO, Eduardo. A função da arte 1 . p. In: GALEANO, Eduardo. O Livro dos abraços. Porto Alegre: Editora L&PM, 1997.
5	LEMINSKI, Paulo. Contranarciso . p. 13-14. In: LEMINSKI, Paulo. Toda poesia. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2013.
6	LISPECTOR, Clarice. As águas do mundo . p. 10-11. In: LISPECTOR, Clarice. Água viva. São Paulo: Rocco, 2020
7	ROSA, Sonia. O menino Nito . Ilustração de Victor Tavares. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

Fonte: das autoras, 2022.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

A prática da Biblioterapia iniciou com o uso do livro Ernesto da autora Blandinha Franco possibilitou a mediadora trabalhar com o tema “empatia”, o texto criou profundas reverberações nos alunos.

Na história, todos dizem algo sobre o protagonista e ele vive muito sozinho, e aparentemente acaba assim. Após a surpresa do fim, a narrativa continua mostrando que há gente que nem percebe que a tristeza não está só no final, mas na história inteira.

Para a reflexão do grupo, o personagem Ernesto foi materializado por meio da confecção de um boneco, que na atividade lúdica passou de mão em mão, para que todos os participantes que desejassem pudessem expressar o que a história despertou em cada um diretamente para o boneco. Dessa forma, alguns alunos abraçaram o boneco antes de repassá-lo para o amigo, outros proferiram palavras de apoio, alguns só passaram adiante. Após esse instante, foi perguntado se eles conheciam algum Ernesto na escola e a resposta da maioria foi que existiam muitos por ali. Assim, a conversa abordou os sentimentos de Ernesto e os estudantes foram se identificando e contando algumas situações de *bullying* vivenciadas por eles na escola e fora dela.

Depois dessa conversa, foi sugerido aos alunos que reescrevessem a história do Ernesto oralmente. Outra atividade foi a de transformar as afirmações que o livro traz em perguntas, eles foram respondendo de acordo com seus sentimentos e impressões. No final, uma aluna do 5º ano disse que estava se sentindo muito bem, mais leve e que a história do Ernesto, apesar de ser muito triste, fez com que as pessoas refletissem e se sentissem melhor.

A prática da Biblioterapia com o uso do livro “Carta do medo” do autor Alexandre Coimbra Amaral possibilitou trabalhar com o tema “o que é ter medo, e como enfrenta-los.” Nessa atividade também foi utilizado o curta-metragem “E foi assim que eu e a escuridão fizemos as pazes”.

Nesse encontro, houve uma experiência muito positiva realizada com a turma do 8º ano, que tem a característica de ser uma turma muito agitada, possuía em torno de uns vinte alunos e, quando o encontro foi iniciado, alguns deles começaram a criar alguma desordem por meio da conversa excessiva. Assim, uma conversa foi realizada, solicitando que eles colaborassem e se permitissem experimentar essa nova experiência trazida para eles, que não precisariam ler ou se manifestar se não quisessem, apenas ouvir o que estava por vir. Nesse momento, alguns perguntaram se poderiam

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

abaixar a cabeça porque estavam com sono, foi dito que sim desde que silenciassem. Cerca de seis adolescentes abaixaram a cabeça e permaneceram o tempo do encontro dessa forma.

Nessa carta do medo, o remetente é o próprio sentimento do medo, que chega para uma conversa honesta e terna sobre como ele cumpre uma jornada viva dentro de cada um de nós. O autor dialoga com o leitor sobre o que o sentimento do medo provoca em cada um de nós e propõe à construção de um novo texto, no qual nossas dores emocionais, culpas e limitações, possam ser vistas, não como o capítulo final de nossa história, mas como os textos iniciais de uma vida repleta de possibilidades promessas e significados”.

Uma menina tem medo da Escuridão. Quando chega a noite, vem a preocupação e a ansiedade: afinal, o que o escuro pode esconder? O que ela nem imagina é que, do outro lado, a Escuridão também é uma menina — cujo maior medo é a claridade, e todo tipo de coisa que se revela quando nasce o sol

Tudo o que havia sido planejado foi realizado e o encontro seguiu tranquilo com a participação dos outros estudantes. Inicialmente, eles assistiram a um vídeo de animação do Emicida, intitulado “E foi assim que eu e a escuridão fizemos as pazes”, objetivando fazer uma introdução sobre o medo e como às vezes ele nos paralisa, e para superá-lo é preciso coragem e determinação. Afinal o que o escuro pode esconder?

Em seguida, foi realizada a leitura do trecho da “Carta do Medo” do livro Cartas de um Terapeuta para seus momentos de crise. Após a leitura, foi pedido aos alunos que desenhassem balões e escrevessem seus medos dentro dele. Depois dessa ação, eles deveriam olhar para os “medos” dentro dos balões e pensarem em ideias para vencê-los. A troca entre eles foi uma experiência muito rica de significados, pois os colegas tentavam ajudar os outros a resolverem seus medos.

Quando o encontro acabou, duas estudantes que ficaram o tempo todo com as cabeças abaixadas se aproximaram e disseram que a carta e o poema lidos mexeram muito com elas, que parecia que eles haviam sido escritos para elas e que haviam gostado muito. Uma delas perguntou quando seria o próximo encontro. A amiga falou que aquele encontro ficaria na cabeça dela por muito tempo e que tinha sido muito bom. Elas relataram que não dormiram durante o encontro, que ouviram tudo o que foi falado e que gostaram muito. Esses comentários provocaram surpresa e

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

encantamento e reforçam a potência da literatura. Mesmo que, a princípio, os estudantes não se mostrem interessados em ouvir as histórias, a magia acontece e eles querem mais.

A prática da Biblioterapia com o uso do livro “Vovó, como você lida com a dor?” da autora Helena Barnabé possibilitou trabalhar com o tema “O que você tem feito com suas mãos para dissipar sua dor?”

Esse texto traz uma reflexão sobre como o uso das mãos é importante para você encontrar a alegria e a beleza da vida, e assim, aliviar e ajudar você a enfrentar a dor. A avó fala à sua neta das mãos, que são as antenas da alma, e convida-a a mexê-las de maneira criativa. Através do movimento criativo das mãos podemos transformar a dor, expressar as nossas intuições, acompanhar os pensamentos e as emoções, e aceder à dimensão mais profunda, verdadeira e sábia de nós mesmos. Conhecer a nós mesmos é a grande ciência. No meio da dor é fundamental identificar e refletir bem como os recursos internos, que já existe dentro de você, pode ser precioso ao lidar com as “dores.

Primeiro eles disseram que nunca se deram conta e nem pararam para pensar o quão importante é usar as mãos e o quanto isso faz bem para a saúde mental. Conversou-se sobre o texto lido e cada um foi colocando seus sentimentos, contando como cada um usava as mãos. Alguns contaram que tocavam instrumentos, lavavam louça, pintavam, escreviam etc. e que nunca haviam pensado que, quando estão realizando essas atividades, também estão cuidando das dores da alma. Os estudantes se mostraram felizes com essas descobertas.

Essas ocasiões são propícias para tratar questões delicadas e importantes para esses alunos, são momentos banhados de muito afeto e carinho, oportunizando uma pausa, um respiro, um espaço para o acolhimento de suas emoções e sentimentos. Por vezes, esse é o único espaço que eles têm para serem ouvidos, para pararem, pensarem em suas emoções e saberem que não estão sozinhos, que o outro também sente o que ele está sentido. Isso é libertador. Essa oportunidade representa uma possibilidade de se reconhecerem e compreenderem o outro por intermédio das histórias literárias, sendo esse o objetivo maior da biblioterapia, um tempo para refletir e partilhar sentimentos de uma forma muito afetuosa, ajudando a cuidar do ser.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desse projeto, na escola, é possível comprovar na prática todo o poder terapêutico que as histórias literárias têm para sensibilizar e fazer acontecer esse apaziguamento das emoções, dos sentimentos e do exercício contínuo de cuidar de si e do outro, simultaneamente, dando oportunidade aos alunos de se tornarem pessoas melhores.

Pode-se afirmar que, a cada encontro, foi notada uma evolução no comportamento, na receptividade e na alegria de estar ali naquele instante, houve a vontade de compartilhar os sentimentos despertados com o texto, as histórias, as músicas e os vídeos trazidos e a alegria de saber que, na próxima quinzena, haveria outro encontro. Com certeza, os adolescentes estão sendo beneficiados e cuidados através da mediação afetuosa da literatura. A convicção de que esse é o caminho certo é plena quando são levados assuntos que fazem os estudantes repensarem o seu fazer diário, o cuidado que precisam ter com eles mesmos e com o outro.

Acredita-se que a escola seja um espaço favorável para o contato da criança e do jovem com o potencial terapêutico da literatura por meio da Biblioterapia, possibilitando a aproximação à leitura literária com um novo olhar, com uma nova perspectiva, despertando o lado sensível do aluno por intermédio da mediação afetuosa da literatura, a qual dá margem a uma escuta amorosa com respiro, leveza, fantasia e imaginação.

A Biblioterapia de Desenvolvimento torna-se um recurso potente para ser usado pelo bibliotecário na biblioteca escolar, proporcionando um momento fabuloso com a literatura através do diálogo, da interação e da mediação afetuosa, colaborando para a formação de leitores aptos a se inserirem e a participarem da sociedade de forma ativa e consciente, tornando possível ter uma melhor compreensão do mundo a partir do exercício da empatia, da compreensão de si e das pessoas ao seu redor e podendo viver de uma forma mais harmoniosa, saudável e feliz. Deve-se pontuar que o objetivo da Biblioterapia não é formar leitores, mas a sua prática mostra que, na medida que o aluno participa dos encontros, esse amor pelo livro, pela literatura pode vir a acontecer.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

Assim, conclui-se que a Biblioterapia de Desenvolvimento, por meio da Mediação Afetuosa da Literatura, pode ser mais um recurso para ser usado na biblioteca escolar a fim de contribuir para a humanização do ser humano, proporcionando chances de desinibição, demonstrações de afeto, estímulo à criatividade, lazer e a verbalização dos sentimentos despertados pelo instante vivido por meio da literatura. Poder usar a Biblioterapia na escola pode ser transformador, tanto para quem for mediar o encontro, como para os estudantes e para todo o corpo docente da escola.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia: um cuidado com o ser. São Paulo: Porto de Ideias, 2010.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A poética da voz e da letra na literatura infantil: leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças. 2001. 261 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 12, dez. 2001. Disponível em <<http://www.encontros-bibli.ufsc.br>>. Acesso em 12 jul. 2005.

CANDIDO, Antônio. Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

GALLIAN, Dante. A literatura como remédio: os clássicos e a saúde da alma. São Paulo: Martin Claret, 2017.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

GERLIN, Meri Nádía. Biblioterapia e literatura oral: leituras terapêuticas em espaços de informação, educação e cultura. Biblionline, João Pessoa, v. 15, n. 3, p. 2-10, 2019.

OUAKNIN, Marc-Alain. Biblioterapia. Tradução: Nicolás Niyemi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. 2 ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1997.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo

MEDIAÇÃO da leitura literária em bibliotecas/ Organização de Jorge Moisés Kroll do Prado; edição de Vargas amaro – Rio de Janeiro: Malê, 2019. 246p.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. Contos e Poemas para ler na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. 135p.

PEREIRA, M. M. G. Biblioterapia: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João pessoa: UFPB, 1996.

SEIXAS, Cristiana Garcez dos Santos. Biblioterapia e educação: sopros de cuidado entre leituras. RevistAleph. Rio de Janeiro, n. 34, 239-259, julho, 2020.

SOUSA, Carla. Biblioterapia & mediação afetuosa da literatura. Florianópolis, Santa Catarina: Ed. Da Autora, 2021.

SOUSA, Carla. Biblioterapia e mediação afetuosa da literatura: experiências de bibliotecári@s em bibliotecas. In: PRADO, Jorge (org.). Mediação de Leitura Literária em Bibliotecas. Rio de Janeiro: Malê, 2019. 107-120.

SOUSA, Carla. Biblioterapia como recurso para formação do bibliotecário. Revista ABC: Biblioteconomia em Santa Catarina. Florianópolis, v.23, n. 3, p. 362-371, ago./nov., 2018.

WITTER, Geraldina Porto. Biblioterapia: desenvolvimento e clínica. In: _____. (Org.). Leitura e psicologia. Campinas: Alínea, 2004. p. 182-198.

DEVELOPMENTAL BIBLIOTHERAPY AS A HUMANIZING RESOURCE IN THE SCHOOL LIBRARY

Abstract: This article presents how Developmental Bibliotherapy can be transformative in the school environment, helping to humanize not only students, but also the entire school faculty. Using reading, Developmental Bibliotherapy creates, at school, spaces for care and reception, promoting attentive and loving listening and giving the student the opportunity to express their feelings and emotions, thus providing the realization of this action. In addition, this therapeutic activity seeks to enable the entire school team to take care of themselves so that they can take care of the other, helping in the psychic and emotional development, so important for the physical and mental health of the human being. Literature comes as a renewing resource of therapeutic care and helps to rescue the humanizing side that is so necessary in current times.

Keywords: Bibliotherapy. Developmental Bibliotherapy. Literature Humanizatio., School library.

BIBLIOTERAPIA: mediação de textos literários para a interação entre os mediados e a abertura para o diálogo